

MIGRAÇÃO LABORAL E PRODUÇÃO DE COMMODITIES NA ÁFRICA: CONEXÕES GLOBAIS

Labor migration and commodity production in Africa: global entanglements

Felipe Barradas Correia Castro Bastos ^a

 <https://orcid.org/0000-0002-2790-3571>

Email: felipebccbastos@gmail.com

Kerem Duymus ^b

 <https://orcid.org/0009-0006-8404-6808>

E-mail: keremduymus@gmail.com

^a Universidade Estadual do Centro-Oeste, Departmento de História, Guarapuava, PR, Brasil.

^b Universität Leipzig, Department of African Studies, Leipzig, Germany.

DOSSIÊ/ISSUE

MIGRAÇÃO LABORAL E PRODUÇÃO DE COMMODITIES NA ÁFRICA: CONEXÕES GLOBAIS

LABOR MIGRATION AND COMMODITY PRODUCTION IN AFRICA: GLOBAL ENTANGLEMENTS

RESUMO

Este artigo introdutório apresenta os objetivos, o escopo e o conteúdo do Dossiê Temático intitulado Migração Laboral e Produção de Commodities na África: Conexões Globais. Ao congregar uma equipe diversificada de estudiosos oriundos do Brasil, Turquia, Alemanha, França, Estados Unidos, e Camarões, todos em diferentes estágios de suas carreiras, este Dossiê Temático se alicerça sobre tendências atuais nos campos da História Global e da África para expandir nossa compreensão sobre a centralidade de sujeitos africanos na formação do mundo contemporâneo – densamente globalizado, mas profundamente desigual. Esta introdução estabelece o enquadramento teórico que orientou nossa chamada de artigos, resume os principais achados de cada artigo e situa suas contribuições individuais dentro da temática relativa à agência de sujeitos africanos na criação de sociedades cada vez mais interconectadas. Argumentamos que os artigos deste Dossiê Temático oferecem um caminho para fortalecer e expandir ambos os campos da História da África e Global, incorporando a análise de fontes pouco estudadas de diferentes procedências linguísticas, como árabe, turco, português e alemão, bem como documentos legais produzidos por estados africanos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVES

História Global. História da África. Migração laboral e produção de commodities.

ABSTRACT

This introductory article presents the objectives, scope and contents of the Special Issue titled Labor Migration and Commodity Production in Africa: Global Entanglements. By congregating a diverse team of scholars from Brazil, Turkey, Germany, France, the United States, and Cameroon, all at different stages of their careers, this Special Issue seeks to build upon current trends in the fields of Global and African History to expand our current understanding of the centrality of African subjects in the making of the contemporary, densely globalized yet deeply unequal world. This introduction sets the theoretical framework that guided our call for papers, summarizes the key findings of each article, and situate their individual contributions within the topics related to the agency of African subjects in the creation of increasingly interconnected societies. We argue that the articles in this Special Issue offer a path to further strengthen and expand both fields of African and Global History by incorporating the analysis of understudied sources from diverse linguistic backgrounds, such as Arabic, Turkish, Portuguese and German, as well as legal documents produced by contemporary African states.

KEYWORDS

Global History. African History. Labor migration and commodity production.



A mobilidade humana através de fronteiras culturais, políticas e sociais não é novidade alguma na história africana. De fato, antropólogos e historiadores têm argumentado consistentemente que as pessoas se locomoveram para além de seus horizontes imediatos desde tempos imemoriais, impulsionando, ao longo do caminho, inúmeras transformações históricas que moldaram paisagens e identidades por milênios (Kopytoff, 1989; Vansina, 1989). Ainda que reconhecer a existência atemporal da mobilidade humana na África possa ajudar a destruir o mito persistente de que as sociedades africanas são entidades ahistóricas que respondem apenas a forças externas, é importante não ignorar as mudanças fundamentais nas circunstâncias e na natureza dos movimentos migratórios, especialmente à medida que as sociedades africanas criaram e se envolveram em redes cada vez mais amplas de intercâmbio comercial desde o início da Idade Moderna.

Este Dossiê Temático foi concebido como um esforço para aprimorar nossa compreensão atual sobre ambas essas proposições, isto é, que as sociedades africanas nunca estiveram isoladas de eventos globais, mas que foram, na verdade, indispensáveis à sua formação desde o início – o que inclui a expansão dos mercados de commodities voltados para economias cada vez mais industrializadas. O Dossiê se baseia em desenvolvimentos historiográficos recentes nos campos da História Global e da África para argumentar que as conexões estabelecidas por sujeitos históricos africanos foram fundamentais na criação do mundo moderno. Ao focar na relação entre uma forma específica, mas historicamente cada vez mais disseminada, de mobilidade humana – a migração laboral – envolvida na produção de bens comerciais extraídos de minerais, animais ou plantas na África, os artigos deste Dossiê tratam das diversas maneiras pelas quais os sujeitos africanos moldaram as redes comerciais de produção de commodities, desde os estados sahelianos no século XVII até os fluxos (pós)coloniais de matérias-primas e trabalhadores que mantiveram a economia global em funcionamento.

O foco na relação entre migração laboral e produção de commodities não é de forma alguma incidental às proposições acima. Por muito tempo, os estudos sobre migração laboral e produção de commodities na África apagaram a agência dos sujeitos africanos, tratando-os como sujeitos periféricos que respondiam apenas a pressões externas estabelecidas por agentes coloniais ou fatores 'centrais' (Atkins, 1993; Sunseri, 2002; Tallie, 2019). E como já afirmou Samir Amin, muitas abordagens sobre a migração laboral não foram mais do que tautologias que explicam o fenômeno da migração laboral simplesmente ao indicar a existência de pessoas predispostas a migrarem (Amin, 1995). Mais recentemente, muitas investigações acadêmicas sobre a migração laboral na África têm se detido a adaptar casos para se encaixarem em um "espectro" tipológico de trabalho coercitivo, variando da escravidão de propriedade ao trabalho "livre" regido por contrato, em vez de descrever como a mercantilização do próprio trabalho se desenvolveu ao longo das múltiplas contradições do capitalismo moderno (Martino, 2022). Assim, uma análise superficial do campo emergente da História Global nas últimas duas décadas do século XX pode oferecer perspectivas valiosas a historiadores que desejem compreender as conexões que sustentaram a globalização como um fenômeno histórico, bem como ajudar-nos a desenvolver maneiras de aprofundar nossa compreensão sobre como os mercados de commodities – eles próprios uma característica fundamental do capitalismo global – foram criados, seja na África ou alhures.

É sabido que o presente cada vez mais interconectado levou historiadores no final do século XX a examinar mais profundamente as influências recíprocas e as múltiplas conexões históricas estabelecidas entre diferentes sociedades em escala global (Kocka, 2006). Pesquisadores especializados no campo da História da África impactaram significativamente

esses debates historiográficos ao demonstrar não apenas a centralidade das sociedades africanas em processos globais que antes eram vistos meramente como desdobramentos da história europeia (Thornton, 2016), mas também ao rejeitar narrativas acachapantes da globalização enquanto corolário de uma “modernização” unilateral e irrefreável de sujeitos não-ocidentais (Cooper, 2007; Inikori, 2007; Conrad, 2013). Além disso, à medida que a protelada abolição da escravidão ganhou força ao redor do mundo ao longo do século XIX e coexistiu com uma economia global em expansão baseada no consumismo em massa dos países industrializados – os quais eram alimentados, vestidos e estimulados por commodities tropicais – as transformações na mobilidade dos sujeitos africanos envolvidos no fornecimento dessas commodities globalizadas também receberam a atenção dos historiadores (Frankema; Haas, 2022).

O surgimento dessas tendências analíticas favoreceu particularmente as reinterpretações do papel desempenhado por sociedades não-europeias no desenvolvimento do capitalismo, de forma a desafiar criticamente as metanarrativas baseadas na descrição de “centros” e “periferias”, bem como a noção de que o capitalismo teria surgido como uma singularidade da história europeia/norte-americana à qual submeteu-se o restante do mundo, seja pela força de pressões macroeconômicas baseadas na supremacia tecnológica ou pelo exercício do poderio político e militar fundamentado na dominação colonial. Embora essas preocupações tenham figurado de forma proeminente nos discursos acadêmicos africanos e latino-americanos a partir de meados da década de 1960, como indicado por estudos oriundos da teoria da dependência e de perspectivas críticas sobre o paradigma da modernização em escala global (Ramos, 1967; Amin, 1972; Rangel, 1981; Rodney, 1981), análises mais recentes têm enfatizado a agência dos sujeitos históricos africanos na criação dessas interconexões, sem ignorar, contudo, o fato de que seu caráter estruturalmente desigual, em termos de valor econômico, culminou na produção de subdesenvolvimento a longo prazo e, mais importante, sem abrir mão de enunciar uma crítica moral ao capitalismo moderno (Bosch, 1997; Green, 2019).

Assim, historiadores têm enfrentado o desafio de explicar como o mundo se tornou cada vez mais interconectado e simultaneamente desigual sem, no entanto, conferir uma ênfase indevida à agência dos sujeitos europeus (Berg, 2013; Edwards *et al.*, 2020). Nesse sentido, o uso crítico do conceito de capitalismo como um fenômeno histórico global permitiu, por sua vez, que historiadores africanos prestassem atenção às complexidades das sociedades africanas sem negligenciar sua capacidade de estabelecer suas próprias conexões com o mundo exterior, apesar das crescentes desigualdades (Alpers, 2014; Cooper, 2014; Eckert, 2016). No entanto, esse apelo por uma mudança de perspectiva exige que os historiadores se envolvam com fontes em idiomas marginalizados. Historicamente, as fontes predominantemente utilizadas foram escritas por agentes britânicos e franceses, bem como por oficiais coloniais, que muitas vezes, intencionalmente ou não, marginalizaram ou negligenciaram as contribuições e a importância dos agentes africanos (Yusha, 2011; Kavas; Tandogan, 2019). Nesse sentido, a descoberta de novas fontes em idiomas como hauçá, suaíli, árabe, turco, alemão e português está se tornando um caminho essencial para projetos de pesquisa contemporâneos.

Defendemos que este Dossiê Temático contribui para esses recentes desenvolvimentos historiográficos ao reunir acadêmicos do Brasil, Camarões, Turquia, Estados Unidos, Alemanha e França, todos em diferentes estágios de suas carreiras acadêmicas, que responderam ao chamado de examinar mais de perto a interconectividade global entre as sociedades africanas e o mundo a partir de uma perspectiva histórica, com cada autor destacando como determinadas commodities foram obtidas por meio de redes de migração laboral. Tomados em conjunto, os sete artigos deste Dossiê contemplam todas as regiões do continente africano, desde as conexões transaarianas entre a África Ocidental e

o Oriente Médio, até os mundos do Atlântico e do Oceano Índico, abrangendo a Senegâmbia, a África Centro-Occidental, a África Oriental e além. Cronologicamente, o Dossiê abrange fenômenos do século XVII até o presente, e cada artigo compartilha um fio-condutor comum ao articular uma ampla gama de materiais documentais e orais que permanecem pouco explorados nos estudos africanos e na História Global, como fontes em suaíli, árabe, turco, alemão e português, além de documentos políticos e jurídicos que regem as relações internacionais entre países africanos independentes.

Os artigos foram organizados em uma ordem cronológica ascendente que, como o(a) leitor(a) verá, também se expande para um espectro mais amplo de relações históricas profundamente entrelaçadas com a mobilidade global dos sujeitos africanos. As três primeiras contribuições foram escritas por historiadores brasileiros e cobrem o período pré-colonial até a corrida imperialista pela África no final do século XIX. O artigo de Felipe Silveira de Oliveira Malacco trata da produção de goma-arábica no norte da Senegâmbia, uma região profundamente conectada ao mundo atlântico desde a primeira metade do século XV. Seu artigo destaca como essa mercadoria, cobiçada pelos mercados na Europa moderna por seus múltiplos usos farmacêuticos, bem como na fabricação de têxteis e tinturas, permaneceu firmemente sob o controle de intermediários jalofos. Ao analisar relatos de viajantes franceses, britânicos, holandeses e cabo-verdianos escritos no século XVII, Malacco identifica como redes comerciais reguladas e taxadas por governantes jalofos conectavam a costa atlântica e os centros comerciais ao longo do rio Senegal a uma região saariana muito mais vasta, aprofundando ainda mais as complexidades nas interações comerciais entre agentes europeus e africanos antes do início do domínio colonial.

Ivan Sicca Gonçalves também examina redes comerciais vinculadas à economia atlântica globalizada com o interior africano, mas focando em um componente crucial da produção de commodities em vez de uma commodity em si: o setor de transportes. Gonçalves analisa agentes comerciais africanos, conhecidos em fontes portuguesas da atual Angola como *pombeiros*, que eram responsáveis por intermediar as relações comerciais entre carregadores de caravanas, chefias africanas locais como o Reino do Bié e comerciantes europeus em meados do século XIX. Seu artigo observa como a crescente demanda global por produtos como marfim, café, cera e borracha intensificou os contatos entre as caravanas comerciais operadas pelos portugueses, generosamente financiadas com crédito fornecido por firmas comerciais em Luanda e Benguela, e as sociedades africanas situadas em lugares tão distantes da costa atlântica como Kasai e o Barotse. Ao examinar a agência dos *pombeiros* africanos na travessia do planalto central de Angola para recrutar milhares de carregadores africanos e desempenhar papéis ambíguos e conflituosos nessas caravanas comerciais, Gonçalves analisou como os mercados em grande expansão na África Centro-Occidental em meados do século XIX foram inicialmente acompanhados pelo surgimento de comunidades autóctones de comerciantes africanos abastados, mas tudo em um contexto histórico de crescentes desigualdades e da disseminação de formas violentas de dependência e arregimentação de trabalho impulsionadas por tais mercados em expansão.

A participação de trabalhadores itinerantes africanos na obtenção de marfim também é o tema explorado por Silvio Marcus de Souza Correa em seu artigo, mas sob as circunstâncias muito diferentes criadas pelo estabelecimento do domínio colonial desde o final do século XIX. Assim como Malacco e Gonçalves, o artigo de Correa baseia-se em fontes insuficientemente exploradas na escrita sobre o lugar central da África na História Global – a saber, textos alemães produzidos durante o Reich guilhermino. A vigorosa expansão do consumismo burguês na Europa influenciou enormemente o aumento da demanda por marfim bruto, uma mercadoria necessária para satisfazer predileções estéticas emergentes na arte, instrumentos musicais e decorações na Europa e nas Américas. Embora

só seja verdadeiramente descritível com referência ao saque generalizado e ao terror social, o desenvolvimento de um mercado global para o marfim africano durante o período colonial descrito por Correa não excluiu inteiramente a agência dos trabalhadores migrantes na formação dessas conexões comerciais, incluindo a transformação dos processos de etnogênese e na criação de cidades coloniais ao longo da costa da África Oriental e alhures.

Além desses três primeiros artigos em português, os demais artigos estão escritos em inglês e também exploram a fundo as interações entre a migração laboral africana e a produção de commodities do século XIX ao XX até a era contemporânea. Felipe Bastos e Clara Torrão Busin abordam debates historiográficos sobre o trabalho migratório durante o colonialismo europeu na África, estudando a circulação de dezenas de milhares de pessoas do extremo norte da chamada África Oriental Portuguesa e do Tanganyika britânico, respectivamente correspondentes a Moçambique e Tanzânia continental, e o envolvimento dessas pessoas na maior indústria produtora mundial de fibra de sisal. Enquanto a migração laboral sob domínio colonial na África era geralmente composta por homens e mantida sob o olhar atento das autoridades europeias, Bastos e Busin exploram como migrantes macondes atravessaram as fronteiras entre os recantos de diferentes impérios coloniais em seus esforços para ganhar a vida desde o início do século XX até pouco antes do início da guerra de independência de Moçambique. Os autores entrelaçam registros arquivísticos consultados em vários países com depoimentos orais coletados em Dar es Salaam para discutir como as complexas histórias de vida dos migrantes, quando contrastadas com os registros coloniais, oferecem um quadro complexo da agência africana que em muito ultrapassou os limites dos planos de administradores coloniais para a criação de redes de migração laboral ordenadas, quantificadas e controladas.

O artigo de Mona Rudolph é outro que explora fontes alemãs para escrever uma história perspicaz sobre como a migração laboral da região Ovambo, que engloba a atual porção setentrional da Namíbia e o sul de Angola, foi essencial para facilitar a extração de diamantes pelas empresas coloniais alemãs no início do século XX. Em sua análise, Rudolph destaca a agência dos povos da região Ovambo que, embora não estivessem diretamente sujeitos à autoridade colonial do Império Alemão, participaram do trabalho sazonal nas minas sob a supervisão colonial alemã ao mesmo tempo em que gerenciavam suas atividades agrícolas em suas terras natais. Essa perspectiva desafia a narrativa colonial predominante que retrata o Império Alemão como uma entidade onipotente exercendo controle homogêneo sobre um vasto território africano. Em vez disso, Rudolph ilustra que os administradores coloniais e as empresas de mineração foram obrigados a negociar com esses trabalhadores migrantes sazonais, bem como com intermediários locais, sobre as condições de trabalho e remuneração. A ausência desses trabalhadores teria tornado tanto a governança colonial quanto as operações de mineração inviáveis, pois eles eram essenciais para a prestação de mão-de-obra. Nesse sentido, foi principalmente a determinação e a iniciativa do povo Ovambo que possibilitaram a extração de diamantes, e não apenas as ambições das empresas alemãs e das autoridades coloniais. Esses resultados elucidam as complexas dinâmicas de poder e contextos socioeconômicos que cercam a extração de diamantes sob o domínio colonial, destacando os esforços colaborativos e as negociações entre os vários atores envolvidos no processo.

As duas contribuições restantes para este Dossiê Temático tratam das redes migratórias entre países africanos contemporâneos e territórios situados fora da África. Mahir Saul e Kerem Duymus adotam uma perspectiva de longa duração para explorar as redes migratórias e os laços econômicos entre a atual Turquia e a África Ocidental, facilitando assim uma transição temática da análise histórica para as relações sociopolíticas contemporâneas dentro do Dossiê. Seu enfoque se dá nas dinâmicas econômicas e migratórias em constante evolução principalmente entre a África Ocidental e a Turquia. Lidando com documentos

arquivísticos pouquíssimo estudados de fontes árabes e turcas da Turquia e da Líbia, os autores investigam as redes de mobilidade que existiam entre a África Ocidental e o Império Otomano, conectando assim tendências históricas aos padrões atuais. Com base em pesquisas antropológicas e sociológicas, os autores revelam, na sequência, tanto rupturas quanto continuidades no contexto da migração laboral entre essas regiões. Enquanto as narrativas predominantes sobre as chamadas “crises migratórias” enfatizam predominantemente a perspectiva europeia sobre a mobilidade africana, os autores oferecem um ponto de vista alternativo que destaca as políticas da Turquia e suas interações com os estados africanos, bem como as dinâmicas econômicas do ponto de vista dos próprios imigrantes africanos.

O artigo final foi escrito por Herman Bonabé, um acadêmico dos Camarões, na África Ocidental, envolvido com redes de migração laboral atualmente em curso na África e que foca especificamente na governança da mobilidade humana pelos estados africanos na virada do século XXI. Bonabé aborda o tema da mobilidade laboral a partir de uma perspectiva alternativa e de um enquadramento disciplinar distinto: ele destaca aspectos benéficos da migração laboral tanto para indivíduos em busca de emprego quanto para estados que necessitam de mão de obra em setores subutilizados. A partir dessa perspectiva, Bonabé analisa os complexos marcos legais e as dinâmicas diplomáticas em torno da migração laboral para avaliar se as leis existentes entre os estados africanos conferem vantagens tanto para os imigrantes quanto para os próprios estados. Consequentemente, o autor delinea um complexo cenário de negociação envolvendo entidades internacionais como as Nações Unidas e a União Africana, bem como organizações regionais como a *Comunidade Econômica dos Estados da África Central (CEEAC)* e a *Autoridade Intergovernamental sobre o Desenvolvimento (IGAD)*, juntamente com os próprios governos nacionais na África. Por meio de sua análise abrangente, Bonabé elucida a natureza multifacetada das dinâmicas legais relacionadas à migração laboral entre estados africanos, aprofundando nossa compreensão atual sobre as redes migratórias na História Africana ao transcender perspectivas presentistas baseadas em narrativas europeias de “crises migratórias”.

Tomados em conjunto, consideramos que os artigos deste Dossiê propiciam uma expansão salutar de perspectivas, fontes e métodos para se discutir temas que têm sido profundamente impactantes na formação do mundo contemporâneo, sobretudo nos âmbitos disciplinares da História Global e da História da África. Para além de suscitar debates que favorecem a superação de limitações linguísticas prevaletentes na academia brasileira por meio do diálogo com pesquisadores africanos, europeus e turcos, o Dossiê também promove avanços na empreitada de recolocar a mobilidade e agência de sujeitos africanos no centro do debate historiográfico sobre fenômenos constitutivos de nossas sociedades cada vez mais interconectadas. Desejamos-lhes, assim, uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

ALPERS, Edward A. *The Indian Ocean in World History*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

AMIN, Samir. Underdevelopment and Dependence in Black Africa — Origins and Contemporary Forms. *The Journal of Modern African Studies*, v. 10, n. 4, p. 503–524, dez. 1972.



- AMIN, Samir. Migrations in Contemporary Africa: A Retrospective View. In: BAKER, Jonathan; AINA, Tade A. *The Migration Experience in Africa*. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 1995. p. 29-40.
- ATKINS, Keletso E. *The Moon is Dead! Give Us Our Money!: The Cultural Origins of an African Work Ethic, Natal, South Africa, 1843-1900*. Portsmouth: Heinemann, 1993.
- BERG, Maxine. Global history: approaches and new directions. In: BERG, Maxine (ed.). *Writing the History of the Global: Challenges for the 21st Century*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 1-18.
- BOSCH, Gerald R. Eric Williams and the Moral Rhetoric of Dependency Theory. *Callaloo*, v. 20, n. 4, p. 817-827, 1997.
- CONRAD, Sebastian. Kritik und Grenzen der Globalgeschichte. In: *Globalgeschichte: eine Einführung*. Munique: C.H.Beck, 2013. p. 87-111.
- COOPER, Frederick. Was nützt der Begriff der Globalisierung? Aus der Perspektive eines Afrika-Historikers. In: CONRAD, Sebastian; ECKERT, Andreas; FREITAG, Ulrike (ed.). *Globalgeschichte: Theorien, Ansätze, Themen*. Frankfurt: Campus, 2007. p. 131-161.
- COOPER, Frederick. *Africa in the World: Capitalism, Empire, Nation-State*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.
- ECKERT, Andreas. Capitalism and Labor in Sub-Saharan Africa. In: KOCKA, Jürgen; LINDEN, Marcel van der. *Capitalism: The Reemergence of a Historical Concept*. Oxford: Bloomsbury Academic, 2016. p. 165-186.
- EDWARDS, Andrew David; HILL, Peter; NEVES-SARRIEGUI, Juan. Capitalism In Global History. *Past & Present*, v. 249, n. 1, p. e1–e32, 2020..
- FRANKEMA, Ewout; HAAS, Michiel de (ed.) *Migration in Africa: Shifting Patterns of Mobility from the 19th to the 21st Century*. Londres: Routledge, 2022.
- GREEN, Toby. *A Fistful of Shells: West Africa from the rise of the slave trade to the age of revolution*. Londres: Penguin Books, 2019.
- INIKORI, Joseph E. Africa and the globalization process: Western Africa, 1450–1850. *Journal of Global History*, v. 2, n. 1, p. 63–86, mar. 2007.
- KAVAS, Ahmed; TANDOĞAN, Muhammed. *Afrika'nin Önder Şahsiyetleri*. Istanbul: Alelmas Yayıncılık, 2019.
- KOCKA, Jürgen. Sozialgeschichte im Zeitalter der Globalisierung. *Merkur: Deutsche Zeitschrift für europäisches Denken*, v. 4, n. 60, p. 305–316, 2006.
- KOPYTOFF, Igor (ed.) *The African Frontier: The Reproduction of Traditional African Societies*. Bloomingtons: Indiana University Press, 1989.

MARTINO, Enrique. *Touts: Recruiting Indentured Labor in the Gulf of Guinea*. Oldenbourg: De Gruyter, 2022.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade. *Revista de Administração Pública*, v. 1, n. 2, p. 7-a, 1967.

RANGEL, Ignácio. A história da dualidade brasileira. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 1, n. 4, 1981.

RODNEY, Walter. *How Europe Underdeveloped Africa*. 2ª Ed. Washington: Howard University Press, 1981.

SUNSERI, Thaddeus. *Vilimani: Labor Migration and Rural Change in Early Colonial Tanzania*. Londres: Heinemann, 2002.

TALLIE, T. J. "The Myth Is Dead! Give Us Our History!" Reassessing Black Labor in African History. The Moon Is Dead! Give Us Our Money! The Cultural Origins of an African Work Ethic, Natal, South Africa, 1843-1900, by Keletso E. Atkins. *The American Historical Review*, v. 124, n. 5, p. 1758-1768, 2019.

THORNTON, John K. The Kingdom of Kongo and the Thirty Years' War. *Journal of World History*, v. 27, n. 2, p. 189–213, 2016.

VANSINA, Jan. Deep-Down Time: Political Tradition in Central Africa. *History in Africa*, v. 16, p. 341-362, 1989.

YUSHA, Bashir Qasim. *Madinahu Ghadames Eabr Al-Asur*. Tarabulus: Al-Markaz al-wataniya li-Imahfuzat wa-Idirasat, 2011.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Felipe Barradas Correia Castro Bastos: Doutor, Professor colaborador na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Departamento de História, Guarapuava, Paraná, Brasil.

Kerem Duymus: Doutorando na Universidade de Leipzig, Departamento de Estudos Africanos, Alemanha.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Afonso Botelho, 1688, Apto 602, Bairro Santa Cruz, 85015-000, Guarapuava, Paraná, Brasil.
Beethovenstr. 15, 04107 Leipzig, Alemanha.

ORIGEM DO ARTIGO

Não aplica.

AGRADECIMENTOS

Não aplica.



CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo, coleta de dados, análise dos dados, discussão de resultados, revisão e aprovação: Felipe B. C. C. Bastos e Kerem Duymus.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Felipe Barradas Correia Castro Bastos e Kerem Duymus. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Jó Klanovicz.

HISTÓRICO

Recebido em: 29 de julho de 2024.

Aprovado em: 4 de agosto de 2024.

Como citar: BASTOS, Felipe B. C. C.; DUYMUS, Kerem. Migração laboral e produção de commodities na África: conexões globais. *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 57, p. 152-161, 2024.

